

DESORIENTAÇÃO DE MUNDO E AS RUÍNAS PÚTRIDAS DE UM PROJETO GLORIOSO

Renato Nunes Bittencourt¹

RESUMO: O artigo aborda de que maneira o projeto moderno de progresso técnico-científico e a emancipação da razão convivem ainda com as sombras das tendências obscurantistas da humanidade, e seus efeitos degradantes para a conjuntura humana em uma realidade que, apesar dos seus avanços materiais significativos, ainda apresenta traços rudimentares no seu modo de organização da vida em sociedade.

Palavras-Chave: Modernidade; Progresso; Crise; Decadência.

ABSTRACT: The article discusses how the modern project of technical-scientific progress and the emancipation of reason still coexist with the shadows of the obscurantist tendencies of humanity, and its degrading effects on the human conjuncture in a reality that, despite its significant material advances, still presents rudimentary traits in its way of organizing life in society.

Keywords: Modernity; Progress; Crisis; Decadence.

INTRODUÇÃO

Um dos debates filosóficos mais fluidos para nossa intelligentsia reside na definição de Modernidade, assim como suas possíveis variantes, possíveis potencializações discursivas e conceituais, possíveis superações axiológicas ou ainda pretensos processos de sua dissolução estrutural. Ao amadurecermos a reflexão sobre o tema, podemos afirmar que qualquer definição é sempre limitadora semanticamente e axiologicamente, e se aventurar em qualquer categorização precisa é uma tarefa insensata para o pesquisador. O bojo da experiência reflexiva sobre a Modernidade comporta todas as suas contradições, e no fundo nenhuma delas são excludentes. Pela própria necessidade, na redação de um texto, em estabelecermos um limite epistêmico, nos encontramos na urgência metodológica de escolhermos um caminho a trilhar.

Zygmunt Bauman, o autor-vórtice desse artigo, apresenta no conjunto de sua obra uma análise apurada do mal-estar da vida humana em uma ordem mundial cujos atores políticos hegemônicos evidenciam completo distanciamento em relação a um projeto social capaz de promover o estabelecimento do bem comum para o gênero humano e para a permanência sustentável das múltiplas formas de vida em nosso planeta. Guerras que no fundo são fomentadas pelo lobby das indústrias bélicas, xenofobia em relação aos

¹ Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/Professor do Curso de Administração da FACC-UFRJ. E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com

imigrantes e refugiados, insegurança pública tão conveniente para as empresas seguradoras, a privatização do espaço social de convivência e a consolidação de uma arquitetura reativa do medo, fortalecimento das disposições autoritárias nas governanças cada vez mais alheias aos princípios da celebrada democracia liberal, reafirmação ubíqua do espírito fascista, depreciação das liberdades políticas e da constitucionalidade, irracionalismo e desvalorização da expertise científica, concessão de fala para negacionistas estúpidos, liquefação da ideia de verdade e descumprimento dos acordos ambientais são exemplos de algumas feridas de nossa conjuntura global que exigem uma reviravolta individual e coletiva para que essa marcha niilista seja interrompida e possamos tomar as rédeas do mundo e tentar talvez modificar esse processo de degradação de todas as esferas da sociabilidade. Infelizmente nosso grande pensador não viveu alguns anos mais para analisar a conjuntura catastrófica da pandemia da COVID-19, circunstância que certamente renderia mais uma obra ao nosso dispor para análise. Com efeito, a virulência pandêmica também é líquida. No entanto, sua vasta obra e suas incisivas análises sobre a degradação da condição humana em um mundo em crise são substratos bastante viáveis para refletirmos acerca dessa grande virulência global. Para compreendermos nossa situação atual, precisamos, primeiramente, compreender o espírito da Modernidade.

A IDEIA DE HOMEM E A CRISE DA MODERNIDADE

A Modernidade não é apenas um processo histórico com início, meio e fim, mas também uma disposição sociocultural e intelectual. A era das navegações e seus novos caminhos, a “Descoberta do Novo Mundo”, a invenção de Gutenberg e a posterior difusão massiva de livros e textos, a laicização da política, o incipiente amadurecimento das ciências naturais e sua emancipação em relação ao sobrenatural/místico, a consolidação cada vez mais racional das categorias de espaço e de tempo e o inerente aumento da precisão técnica, a apologia das utopias políticas como um sonho por um mundo melhor e o esquadrinhamento matemático do mundo circundante são algumas das suas realizações. No entanto, nada disso seria dotado de sentido se a própria ideia de homem não fosse redesenhada. Isso não significa que no passado não ocorreram indícios de glorificação de nossa condição, mas a ideia do divino era consolidada, nas diversas civilizações, como o fundamento moral da existência, deixando a figura do homem como um coadjuvante na

cosmogonia. Mesmo na civilização cristã medieval/feudal a análise sobre a condição humana apresentava ambivalências. Se por um lado recebemos a Graça Divina e a remissão do pecado original pelo sangue de Cristo, por outro éramos ainda réprobos miseráveis que somente encontrariam salvação mediante uma vida de penitência, devoção constante, orações, jejuns e negação dos apelos da carne. As guerras e as doenças eram imputadas como flagelos divinos para punir os pecados dos homens. Se obtivemos pela obra do Cristo a possibilidade real de redenção, tal seria muito mais pela gloriosa misericórdia divina do que pela nossa ação livre e autônoma. Por conseguinte, em tal quadro teológico-ideológico, versar sobre uma pretensa dignidade da condição humana era uma heresia monumental. Dessa maneira, podemos considerar a obra de Giovanni Pico della Mirandola como um dos marcos fundamentais do Humanismo Renascentista:

Coloquei-te no meio do mundo para que daí possas olhar melhor tudo o que há no mundo. Não te fizemos celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de si mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tiveres seguramente escolhido. Poderás degenerar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo [...]. Que a nossa alma seja invadida por uma sagrada ambição de não nos contentarmos com as coisas medíocres, mas de anelarmos às mais altas, de nos esforçarmos por atingi-las, com todas as nossas energias, desde o momento em que, querendo-o, isso é possível (PICO DELLA MIRANDOLA, 2001, p. 53; p. 55).

Constatamos nesse fragmento a confluência entre a dimensão divina e a dimensão humana, complementares e mesmo imanentes. Não há oposição entre as esferas. O Homem é incitado a não ser um espectador do mundo, mas um ator capaz de transformá-lo, pela razão, pelo engenho, pela técnica. A ordem providencial do mundo vislumbra isso em cada ser humano, que se alce ao máximo rumo ao infinito. O Homem é assim cocriador do mundo, aperfeiçoando pela razão (um dom divino) a natureza, e assim tornando-se digno da felicidade em vida. Esse discurso não pode de maneira alguma ser separado da conjuntura estrutural e histórica que ocorria na superação paulatina do sistema feudal, pois se consolidava, ainda que lentamente, a ideia de homem laborioso, engajado no trabalho prático, produtivo e fornecedor de bem-estar para a sociedade. Daí a importância, acima destacada, da racionalização da realidade e a apologia da técnica, instâncias que capacitam a intervenção humana na natureza para maior serviço ao gênero humano. Comparando-se essa conjuntura de ideias e de ações com a nossa grande crise institucional

de erosão da organização democrática da sociedade, percebemos o retrocesso da própria ideia de homem, cada vez mais vilipendiado em favor de um tenebroso projeto de destruição da vida em nome de um sistema teocrático-reacionário que prospera pelo medo, pela violência e pelo niilismo social.

Francis Bacon, um filósofo-arauto da técnica que compreendia a relação entre o saber científico e o poder sobre a natureza como uma instância promotora da felicidade humana, jamais descurou da relação entre a vivência religiosa e a ação científica, ambas complementares, segundo sua concepção, conexão que, aliás, alimentará as obras de diversos pensadores modernos, conciliadores, usualmente, da fé e da razão. Ambas seriam caminhos para conduzir o homem rumo à verdade, sendo apenas métodos distintos:

Pelo pecado, o homem perdeu a inocência e o domínio das criaturas. Ambas as perdas podem ser reparadas, mesmo que em parte, ainda nesta vida; a primeira com a religião e com a fé, a segunda com as artes e com as ciências. Pois a maldição divina não tornou a criatura irreparavelmente rebelde; mas, em virtude daquele diploma: Comerás do pão com o suor de sua fronte [Genesis, 3, 19], por meio de diversos trabalhos (certamente não pelas disputas ou pelas ociosas cerimônias mágicas), chega, enfim, ao homem, de alguma parte, o pão que é destinado aos usos da vida humana (BACON, 1997, p.218).

O avanço da Modernidade trouxe em seu bojo a esperança concreta de mudança da ordem sociopolítica em favor do bem-estar da humanidade, encontrando no projeto filosófico do Iluminismo (fomentado, sempre importante destacar, pelo avanço do humanismo e do renascimento das artes) sua maior realização intelectual. O que denominamos como Iluminismo também não é apenas um evento histórico, político e sociocultural rigidamente datados, mas uma disposição atemporal da condição humana rumo ao esclarecimento intelectual, ao progresso da razão, da autonomia pessoal e do fomento ao bem-estar da humanidade. Dessa maneira, encontramos diversas figuras pregressas que fazem parte de uma possível trajetória iluminista nos mais diversos segmentos da condição humana: Buda, Lao-Tsé, Confúcio, Hipócrates, Pitágoras, Heráclito, Sócrates, Platão, Cristo, Sêneca, Roger Bacon, Kepler, Galileu Galilei, dentre muitos outros nomes sublimes. É nesse sentido que Kant enuncia um dos seus mais renomados textos:

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dele não se encontra na falta de entendimento, mas na

falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere Aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*]. A preguiça e a covardia são as causas pelas quais tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha, continuam no entanto de bom grado menores durante toda a vida (KANT, 2005, p. 63-64).

Segurança institucional, florescimento das liberdades civis, criação de sociedades literárias e academias científicas, racionalidade governamental, constitucionalidade política, garantismo jurídico, cosmopolitismo, ratificação da defesa da dignidade da pessoa humana são algumas das suas realizações mais prementes, ainda que obviamente tenham ocorrido falhas operacionais nas nações que vivenciaram essa efervescência de conhecimento e de inovação. De toda maneira, a semente para uma guinada ótima rumo ao melhor já estava plantada no terreno da cultura. Para Condorcet,

Se nos limitássemos a mostrar os benefícios que se extraíram das ciências em seus usos imediatos, ou em sua aplicação às artes, seja para o bem-estar dos indivíduos, seja para a prosperidade das nações, nós só teríamos dado a conhecer uma pequena parte de seus benefícios. O benefício mais importante talvez seja o de ter destruído os preconceitos, corrigido de alguma maneira a inteligência humana, forçada a curvar-se às falsas direções que lhe imprimem as crenças absurdas transmitidas para a infância de cada geração, com os terrores da superstição e o temor da tirania (CONDORCET, 2013, p. 178).

A crença no progresso da técnica e do conhecimento como poder emancipador da humanidade dos grilhões da ignorância que tanto a fez viver no obscurantismo teológico estimulava, na intelligentsia ocidental, uma onda de otimismo e de euforia em relação ao futuro, cujos benefícios talvez não seriam experimentados pela geração do presente, mas que seriam aproveitados convenientemente pelos vindouros, e essa possibilidade estimulava os ânimos dos filantropos, isto é, os amantes da ideia de humanidade que construía abnegadamente o terreno cultural para o devir. Construimos um mundo melhor não apenas para nós mesmos, mas sobretudo para aqueles que virão, e essa é a grande marcha evolutiva da humanidade. A esperança, uma disposição moral ambígua nos tempos de outrora, se tornava expectativa pelo melhor ainda por vir. As transformações sociais de então reforçavam essa convicção. Kant disserta sobre tal expectativa de maneira bastante otimista:

Pouco a pouco diminuirá a violência por parte dos poderosos e aumentará a docilidade quanto às leis. Haverá, porventura, na sociedade mais

beneficência e menos rixas nos processos, maior confiança na palavra dada etc., quer por amor da honra, quer por interesse pessoal bem entendido; e tal estender-se-á, por fim, aos povos na sua relação externa recíproca até à sociedade cosmopolita, sem que se possa minimamente ampliar o fundamento moral no gênero humano; para isso exigir-se-ia também uma espécie de nova criação (influxo sobrenatural). (KANT, 1993, p. 109)

Acreditava-se que a esperada autonomia da humanidade perante forças poderosas que até então a subjugaram violentamente enfim estava próxima de ser alcançada e as forças involutivas que tanto nos deprimiram seriam suprimidas para sempre. Contudo, a Modernidade trazia consigo o germen da contradição axiológica, pois os benefícios da emancipação sociopolítica não foram destinados para todo o gênero humano, mas apenas para os brancos ocidentais que se arrogaram os condutores da justa orientação do mundo. Liberdade, Igualdade e Fraternidade, trinômio fundamental da filosofia iluminista e da Revolução Francesa, que despertaram os mais elevados afetos em seus defensores, restringiu-se a um distinto grupo de elite cultural. A mesma ordem econômica e política que promoveu transformações surpreendentes na organização social com seus benefícios técnicos cancelava a escravidão, a espoliação colonialista e a divisão axiológica do mundo entre os racionais civilizados e bárbaros (merecedores de toda forma de dominação em nome do progresso, palavra que se torna o mandamento da ação racional do sistema moderno).

O progresso técnico da Modernidade não se associou ao progresso ético fundamentado na tolerância efetiva, no respeito pela alteridade e mesmo pela afirmação concreta da solidariedade internacional, gerando assim uma grande cisão intrínseca em seu dispositivo epistêmico e valorativo. Nessas condições, a técnica se converteu em poder tirânico, tecnocracia instrumentalizada pelo poder gerencial, que favorece a dominação do homem sobre o homem e a exploração desenfreada da natureza, em nome da razão econômica do produtivismo social/industrial. A vigilância, o monitoramento e a fiscalização dos corpos laborais no panóptico da sociedade disciplinar são disposições herdeiras do projeto iluminista e sua racionalização econômica da ideia de homem, conveniente para a manutenção do produtivismo industrial. Conforme o projeto de Jeremy Bentham,

Quanto mais constantemente as pessoas a serem inspecionadas estiverem sob a vista das pessoas que devam inspecioná-las, mais perfeitamente o propósito do estabelecimento terá sido alcançado. A perfeição ideal, se esse fosse o objetivo, exigiria que cada pessoa estivesse realmente nessa

condição durante cada momento do tempo. Sendo isso impossível, a próxima coisa a se desejar é que, em todo momento, ao ver razão para acreditar nisso e ao não ver a possibilidade contrária, ele deveria pensar que está nessa condição (BENTHAM, 2019, p. 20).

Talvez a preservação do corpo do criminoso, obrigado ao trabalho forçado no sistema penitenciário, decorra não pelo respeito por sua intrínseca dignidade humana, mas por sua utilidade ao serviço da estrutura capitalista, que não pode desperdiçar de imediato recursos materiais em favor de mais produção e de mais lucro. Cesare Beccaria, que pelejou arduamente pelo garantismo jurídico em relação aos apenados de modo que houvesse uma racionalidade científica entre os delitos e as penas com a inerente supressão do arbítrio cruel dos magistrados, apresentou essa contundente defesa:

Um homem não pode ser chamado culpado antes da sentença do juiz, e a sociedade só pode retirar-lhe a proteção pública após ter decidido que ele violou os pactos por meio dos quais ela lhe foi concedida. Qual é, pois, o direito, senão o da força, que confere ao juiz o poder de aplicar uma pena a um cidadão, enquanto perdure a dúvida sobre a culpabilidade ou inocência? (BECCARIA, 2205, p.69).

Da exaltação dos suplicios ao processo asséptico de execução dos criminosos, há um grande avanço civilizacional. Contudo, o grande salto qualitativo ocorre quando a autoridade soberana do Estado prescinde de seu poder de matar legalmente o criminoso para torná-lo uma força útil para as demandas da florescente sociedade industrial. A massa presidiária é assim um valoroso instrumento de pressão sobre os trabalhadores organizados, que temem as ameaças flutuantes do exército industrial da reserva. O cálculo pragmático é o imperativo da modernidade oitocentista e a estrutura burocrática da nova sociedade, regida pela eficiência, pela padronização, pela uniformidade, pela impessoalidade, são algumas das suas características mais marcantes que ao fim e ao cabo auxiliam na própria noção de singularidade. Se o regime capitalista estimula por um lado o individualismo e a satisfação narcísica dos desejos mediante o consumo, por outro esse processo é massificado e heterônomo. Os padrões comportamentais da moda e da etiqueta ditam as regras de um homem burguês obrigado a seguir normas sofisticadas de conduta para se tornar respeitável perante a opinião pública. Nietzsche é um grande crítico do conceito de Modernidade, por considerá-la uma fabulação:

Ao contrário do que hoje se crê, a humanidade não representa uma evolução para algo de melhor, de mais forte ou de mais elevado. O “progresso” é simplesmente uma ideia moderna, ou seja, uma ideia falsa. O

européu de hoje vale bem menos do que o europeu do Renascimento; desenvolvimento contínuo não é forçosamente elevar-se, aperfeiçoar-se, fortalecer-se (NIETZSCHE, 1997, p. 17).

Cabe ressaltar que as objeções nietzschianas aos parâmetros axiológicos modernos não significam uma disposição reacionária pró-classicismo de uma pretensa vida melhor no passado idílico do campo, mas sim a crua constatação de que o projeto civilizatório da sociedade burguesa, locomotiva da vida moderna, promove a degeneração da própria energia criativa do ser humano, que se emancipou, de certa maneira, das correntes teológicas, mas se aprisionou nos grilhões da tecnocracia, da burocracia, do trabalho exaustivo e alienado, na correria do tempo urbano desprovido de reflexão, marcado pela agitação histriônica que excita de maneira doentia o sistema nervoso do sujeito que encontra na sofreguidão do trabalho seu caminho para a prosperidade material e inerente aceitação social na sociedade de consumo. O homem moderno é assim um ser despersonalizado, neurastênico, constantemente a procura de si mesmo sem, contudo, lograr êxito nessa busca e que assim adoece e busca escapatórias provisórias em estímulos cada vez mais intensos:

As pessoas já se envergonham do descanso; a reflexão demorada quase produz remorso. Pensam com o relógio na mão, enquanto almoçam, tendo os olhos voltados para os boletins da bolsa – vivem como alguém que a todo instante poderiam perder algo. Melhor fazer qualquer coisa do que nada – este princípio é também uma corda, boa para liquidar toda cultura e gosto superior (NIETZSCHE, 2012, p. 193).

A experiência da reflexão, do silêncio e do ócio são assim imputados como uma imoral perda de tempo, e tempo é dinheiro vivo que não pode ser desperdiçado com caprichos pessoais de inadaptação ao regime capitalista. A moral do desempenho requer que toda a força produtiva individual seja destinada para o trabalho pró-empresa, o totem mercadológico que deve ser adorado por cada sujeito inserido no sistema tecnocrático de rentabilidade. Pouco importa que a pessoa perca sua vitalidade ao dedicar mais e mais horas ao trabalho exaustivo que tanto empodera a empresa, mas que tanto degrada o próprio trabalhador, peça descartável da máquina empreendedora da disciplina capitalista. Dois grandes expoentes da tecnocracia gerencial apresentam com clareza esses princípios de controle total sobre a força produtiva dos operários submetidos ao regime disciplinar do sistema industrial:

A disciplina consiste, essencialmente, na obediência, na assiduidade, na atividade, na presença e nos sinais exteriores de respeito demonstrados segundo as convenções estabelecidas entre empresa e seus agentes (FAYOL, 2012, p.46). No passado, o homem estava em primeiro lugar; no futuro, o sistema terá a primazia [...]. Um operário classificado faz justamente o que se lhe manda e não reclama [...]. A direção deve fornecer professores para instruírem o novo trabalhador nas melhores e mais simples movimentações, e os operários lentos devem ser constantemente cronometrados e auxiliados, até atingirem a velocidade conveniente. Todos aqueles que, depois do ensino devido, não quiserem ou não puderem trabalhar de acordo com os novos métodos e no ritmo requerido, serão dispensados (TAYLOR, 2012, p.23; p. 46; p. 66).

Por isso os boêmios, tão romantizados e idealizados nas artes, eram estigmatizados pelos defensores dos bons costumes e representados como figuras doentes e depravadas que ameaçavam a coesão social. Aliás, para depreciar ainda mais a conduta dos artistas-malditos, afirmava-se que se porventura obtivessem sucesso material em vida teriam mudado substantivamente suas condutas pessoais e se integrado docilmente aos parâmetros aceitáveis da normatividade burguesa. Cabe a pergunta: o quanto de sofrimento, de privação material, de desilusões amorosas e de luta por reconhecimento foram necessárias para que os artistas e intelectuais outsiders, hoje merecidamente aclamados, encontrassem forças criativas recônditas para o florescimento das suas obras? Muitos artistas e intelectuais muito bem estabelecidos nas suas sociedades hoje são apenas nomes em compêndios.

A GÊNESE DA MODERNIDADE LÍQUIDA

Um dos conceitos fundamentais do pensamento de Bauman é o de liquidez. Trata-se de uma atualização da célebre expressão cunhada por Engels e por Marx no *Manifesto do Partido Comunista*, “tudo que é sólido e estável se volatiliza”, acerca do papel revolucionário da burguesia em modificar radicalmente as bases axiológicas da ordenação do mundo aristocrático-feudal:

O contínuo revolucionamento da produção, o abalo constante de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação eternas distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações fixas e cristalizadas, com seu séquito de crenças e opiniões tornadas veneráveis pelo tempo, são dissolvidas, e as novas envelhecem antes mesmo de se consolidarem. Tudo

o que é sólido e estável se volatiliza, tudo o sagrado é profanado, e os homens são finalmente obrigados a encarar com sobriedade e sem ilusões sua posição na vida, suas relações recíprocas (ENGELS & MARX, 2010, p. 69).

A proeminência burguesa, no decorrer da Modernidade, porém, adquire tons extremamente reacionários, exercendo na estruturação social uma hegemonia tão repressiva como aos dos poderes do Antigo Regime. No entanto, o *ethos* burguês é grosseiramente inferior ao do espírito aristocrático, pois este, apesar dos seus caprichos, do seu egoísmo faustoso, das suas irresponsabilidades monetárias, dos seus disparates contra o bem-estar comum, era dotado de bom gosto, refinamento estético e requinte, enquanto a ideologia burguesa é essencialmente filisteia, pois mensura a gestão pessoal a partir de critérios pecuniários, onde ter algo é garantia de gozo e de segurança existencial. Ambas as classes, todavia, são fisiologicamente degeneradas, pois dependem dos estímulos fortes para que obtivessem a tonificação da existência. Ter algo é o sustento para a própria consolidação social do eu. Nesse contexto, Zygmunt Bauman, ao conceder dignidade filosófica ao conceito de liquidez, insere-se na aporia acerca da superação ou não da Modernidade, e como compreendê-la em suas ambivalências axiológicas e estruturais.

O caráter emancipatório da Modernidade revela sua liquefação através da hipérbole das suas contradições irresolutas. As garantias trabalhistas adquiridas pelas sangrentas lutas proletárias se dissipam graças ao ajuste neoliberal que defende os interesses empresariais em detrimento da qualidade de vida dos trabalhadores (gerando incertezas existenciais e condições precárias análogas ao do escravismo), as relações amorosas perdem sua densidade e senso de investimento em longo prazo (com seus fracassos e sucessos) para se tornarem naturalmente efêmeras e descartáveis (onde impera a lógica do descarte do parceiro amoroso tão logo ele tenha nos fornecido o prazer que queríamos obter), os discursos extremistas dos fascistas que ainda se encontram vivos e cada vez mais fortalecidos nas sociedades ditas democratizadas ganham mais adesão dos setores medianos das mesmas, em uma mescla de mitificação ideológica, irracionalismo, apologia da truculência e da ignorância, moralismo seletivo, militarismo social, autoritarismo, patriotismo xucro, negacionismo científico. Em suma, são muitos e diversos problemas que assolam a sociabilidade moderna regida pela lógica do mercado e que evidenciam seu fracasso civilizacional, sem qualquer democracia autêntica que favoreça o bem comum e as garantias constitucionais para a defesa da vida e da dignidade da pessoa humana. Bauman argumenta que:

A Modernidade descobriu que a condição de volatilidade que origina a insegurança perpétua dos atores pode ser transformada no mais fidedigno dos fatores de manutenção do modelo. A política de regulação normativa foi substituída pela “política de precarização”. A flexibilidade das condições humanas prenhe com a insegurança do presente e a incerteza do futuro acabou por ser vista como sendo a melhor matéria prima para a construção de uma ordem forte e resistente; a vida segmentada em episódios sem peias ao passado nem amarras ao futuro elimina o desafio de estabelecer a ordem de uma forma mais radical do que fizeram as mais elaboradas (e exorbitantemente caras) instituições de vigilância panóptica e de administração cotidiana (BAUMAN, 2010, p. 224-225).

Todo desenvolvimento técnico não foi capaz de fornecer ao ser humano a segurança existencial, ansiosamente perseguida de modo ineficaz pelos sujeitos em suas histórias de vida. O Estado Moderno advém como um órgão pretensamente depurado dos seus elementos contrários ao bem comum republicano, mas na verdade perpetua suas diatribes excludentes contra os grupos sociais desprovidos de poder econômico capaz de lhes conceder a cidadania e o inerente acesso aos direitos legais. A máquina governamental e seus aparelhos são apenas estruturas que perpetuam a hegemonia das elites plutocráticas sobre o resto da sociedade:

Desde o início o Estado moderno confrontou-se com a desestimulante tarefa de gerenciar o medo. Teve de tornar a tecer a rede de proteção que a revolução moderna destruiu, e continuar a consertá-la enquanto a modernização por ele promovida continuava a deformá-la e desgastá-la (BAUMAN, 2006, p.98).

Por conseguinte, ao se tornar um mecanismo tecnocrático que propositalmente defende os interesses privados de uma minoria em detrimento dos anseios populares, o organismo estatal se torna, ele mesmo, responsável pelos conflitos intestinos na sociedade moderna e sua violência onipresente: “O executivo no Estado Moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa” (ENGELS & MARX, 2010, p. 42). Os pobres da sociedade de afluência, genuínos condenados da Terra, após repressões exaustivas dos mais diversos níveis, são obrigados, pela força da repressão oficial, a se adequarem ao modus operandi da violência bruta, naturalizando assim a opressão pela qual são adestrados. Suas vozes se emudecem perante a dominação desse sistema que estabelece quem são os “bons” e os “maus”:

Cada vez mais, ser pobre é encarado como um crime; empobrecer, como o produto de predisposições ou intenções criminosas – abuso de álcool, jogos de azar, drogas, vadiagem e vagabundagem. Os pobres, longe de fazer jus a cuidado e assistência, merecem ódio e condenação – como a própria encarnação do pecado (BAUMAN, 1998, p. 59).

Os abastados membros da sociedade de consumo, cidadãos economicamente viáveis, alheios ao caráter miserável e excludente da gestão capitalista, fecham seus olhos para essa degeneração republicana e se escondem nos shoppings, nos condomínios e nos paraísos fiscais do mundo, afirmando assim a lógica da identidade idiota, pois somente se esforçam para tentar mudar positivamente a ordem das coisas quando eles mesmos são afetados pelos efeitos destrutivos das revoltas sociais. Somente aceitam mudar as coisas para que elas permaneçam tal como estão:

Quanto mais as pessoas permanecem num ambiente uniforme – na companhia de outras “como elas” com as quais podem ter superficialmente uma “vida social” praticamente sem correrem o risco da incompreensão e sem enfrentarem a perturbadora necessidade de traduzir diferentes universos de significado –, mais é provável que “desaprendam” a arte de negociar significados compartilhados e um *modus convivendi* agradável (BAUMAN, 2007a, p. 94).

Todavia, a tendência geral dessas classes soberbas é lutar ferrenhamente contra a ignominiosa proletarização do seu próprio nível de vida e, assim, elas se empenham na defesa de medidas reacionárias contra os avanços dos deserdados da festa capitalista, legitimando toda sorte de barbáries políticas para reprimir os golpes dos miseráveis que, em verdade, são criações das próprias elites, incapazes, contudo, de reconhecer sua culpa prática nesse processo de espoliação econômica. Tal como exposto por Bauman,

A produção de “refugo humano”, ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (os “excessivos” e “redundantes”, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da Modernidade (BAUMAN, 2005, p. 12).

Quanto maior o risco de uma classe elevada perder poder financeiro mais ela adere ao espírito autoritário-reacionário que promove expedições punitivas contra aqueles que pretensamente ameaçam mudar a menor parcela que seja do status quo. O abismo social entre a seleta plutocracia e a horda global de anônimos representa a incapacidade de nosso

sistema econômico violento e excludente integrar as pessoas em uma sociedade orgânica, viva e intensa. Quem não é rentável é descartável:

A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo. (BAUMAN, 2007b, p. 10).

Nada mais incômodo para os esnobes que a convivência forçada com pessoas de substratos sociais inferiores nos mesmos espaços de circulação. Por isso essas elites se esforçam mais e mais pela criação de espaços distintos, singulares e privadíssimos, sem possibilidade de compartilhamento com as pessoas imputadas como inferiores. A exclusividade é uma exigência moral para a plutocracia que vive de maneira nababesca. Para essa malta soberba, o pobre deve ser sempre alguém submisso, pronto para servir docilmente aos seus caprichos senhoris:

As elites escolheram o isolamento e pagam por ele prodigamente e de boa vontade. O resto da população se vê afastado e forçado a pagar o pesado preço cultural, psicológico e político de seu novo isolamento (BAUMAN, 1999, p. 29).

A experiência do medo se caracteriza talvez como a disposição fundamental da condição humana, pois nenhum dispositivo foi capaz, no decorrer das eras, de eliminar ou ao menos atenuar seus efeitos mais impactantes nas estruturas sociopolíticas das nações. Todos os esforços racionais da intelligentsia moderna não foram suficientes para esclarecer a sociedade e assim suprimir o medo da vida e seus elementos mais contrastantes, ensinando-a conviver com as adversidades que, no fundo, apresentam qualidades pedagógicas para o fortalecimento do caráter humano. A trajetória da existência nunca é plenamente linear e as dificuldades vivenciadas, obviamente desagradáveis para qualquer pessoa são talvez estímulos para que não permaneçamos em bonomia constante. Existem situações que são talvez insuperáveis, e essas são dignas de luto, como as vivenciadas nas horrendas situações pandêmicas. O medo que não é superado convenientemente em atos de enfrentamento dos desafios existenciais, em fortalecimento do ânimo corajoso, incentiva erupções de ódio contra as figuras ou grupos imputados como os responsáveis justamente pelo despertar desse medo instintivo:

O medo do desconhecido – no qual, mesmo que subliminarmente, estamos envolvidos – busca desesperadamente algum tipo de alívio. As ânsias acumuladas tendem a se descarregar sobre aquela categoria de “forasteiros” escolhidos para encarnar a “estrangeiridade”, a não-familiaridade, a opacidade do ambiente em que se vive e a indeterminação dos perigos e das ameaças (BAUMAN, 2009, p. 36-37)

Outrora, o medo era direcionado para alvos mais facilmente detectáveis, ainda que pautados em acepções abstratas, e convenientemente manipulados pelos poderes estabelecidos para que em ações catárticas as fontes malélicas do medo fossem eliminadas (bruxas, hereges, ciganos, andarilhos, vagabundos, leprosos, estrangeiros, assassinos, ladrões). Na modernidade líquida, como a ordem capitalista evidenciou sua inépcia em promover justiça social e como tal modelo corrupto de gestão governamental cada vez mais atirou a coisa pública na falência geral, o Estado, comandado por elites defensoras da plutocracia, não consegue conduzir convenientemente a sociedade para um patamar de progresso genuíno, bem-estar, acesso aos recursos materiais indispensáveis para a efetivação da qualidade de vida do cidadão:

Os medos nos estimulam a assumir uma ação defensiva. Quando isso ocorre, a ação defensiva confere proximidade e tangibilidade ao medo. São nossas respostas que reclassificam as premonições sombrias como realidade diária, dando corpo à palavra. O medo agora se estabeleceu, saturando nossas rotinas cotidianas; praticamente não precisa de outros estímulos exteriores, já que as ações que estimula, dia após dia, fornecem toda a motivação e toda a energia de que ele necessita para se reproduzir. Entre os mecanismos que buscam aproximar-se do modelo de sonhos do moto-perpétuo, a autorreprodução do emaranhado do medo e das ações inspiradas por esse sentimento está perto de reclamar uma posição de destaque (BAUMAN, 2007, p. 15).

O resultado é uma guerra civil urbana na qual ninguém mais está seguro. O medo de sofrer as agruras de uma morte violenta incentiva posturas reativas nas pessoas, que vivem em nível elevado de tensão psíquica e estresse moral, encontrando em cada interlocutor um possível inimigo feroz que deve preventivamente ser eliminado, tal como uma guerra ubíqua realizada nas ruas, no trânsito, nos estacionamento, em todos os locais de choque e de interação ruidosa e forçada. Por isso parlamentares oportunistas defendem a legalização do uso das armas de fogo, como se a população militarizada pudesse vencer a torrente da violência que nasce, em verdade, da perpetuação das injustiças sociais. O fascismo prospera onde o espírito reativo do medo baseia sua compreensão limitada da

realidade através da mitificação política, como se houvesse um líder capaz de, por sua força de vontade, libertar os “cidadãos de bem” do abismo do caos. Massas orientadas pela voz odiosa de um governante corroído pelo verme do ódio, da barbárie, da insensatez. A gestão política do Estado em sua configuração ultraliberal associada ao fascismo de mercado promove uma ação dúbia na condução da vida social, pois requer a instauração de um contínuo regime de exceção para controlar o comportamento individual em um evidente conservadorismo social, mas ao mesmo tempo pressupõe que cabe ao sujeito a responsabilidade em se proteger das ameaças violentas, daí o seu nefasto espírito armamentista que faz de cada pessoa uma espécie de lobo solitário, que quando surta, todavia, massacra indistintamente quem encontra pelo caminho, e aí não há mais como se lamuriar perante tamanho horror. Que cada “cidadão de bem”, para defender a sacralidade da sua propriedade privada, seu bem mais importante, se torne um miliciano. Livros recebem elevada carga tributária, armas são isentas de uma série de impostos. Tempos de liquefação cerebral onde a inteligência é criminalizada. Conforme argumenta Bauman,

O tipo de incerteza, de obscuros medos e premonições em relação ao futuro que assombram os homens e mulheres no ambiente fluído e em perpétua transformação em que as regras do jogo mudam no meio da partida sem qualquer aviso ou padrão legível, não une os sofredores: antes os divide e os separa (BAUMAN, 2003, p. 48).

Dessa maneira, chegamos a uma polarização extremista das contradições modernas, pois alcançamos nível elevado de produção de conhecimento, mas encontramos ainda expressões de ignorância irmanadas com a barbárie atávica em nossa humanidade. A democratização social, não obstante seu caráter formal em muitas constituições nacionais, não gerou efetivas gestões públicas promotoras da justiça, da educação emancipadora, do bem-estar social, da qualidade de vida, da segurança e da isonomia dos seus cidadãos. Torna-se, assim, imprescindível uma revolução social capaz de engajar todos os descontentes amantes da democracia inclusiva que promova uma nova governança política cujo mote primordial seja a emancipação humana de cada pessoa perante toda forma de poder que coloca a vida submetida ao crivo de dispositivos tecnocráticos que dependem justamente do aniquilamento da ideia de homem para que obtenham rentabilidade e lucratividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras de Bauman demonstram o seu compromisso filosófico para com o esclarecimento crítico, apresentando as ambivalências da modernidade e possíveis soluções para os seus impasses, mas suas ideias não são fórmulas que, uma vez cumpridas à risca, permitirão a satisfação das demandas pessoais dos interessados. Toda atividade intelectual se equilibra sobre a contingência, característica crucial das humanidades, de modo que precisões ou verdades absolutas lhe são assim estranhas. Daí inclusive o recurso ao rol de autores dos mais diversos segmentos intelectuais abordados no decorrer desse artigo, de modo a darmos margem para a apresentação de um amplo contraditório de ideias. A vasta produção de Bauman permanecerá com sua intensidade legítima se seus leitores não o mitificarem como o enunciador da palavra soteriológica, caso contrário não teremos de estranhar se encontrarmos, algum dia, um louco versando sobre bênçãos líquidas que absolverão os pecados do homem moderno, alienado e transtornado em um mundo axiologicamente desorientado. O panorama apresentado é talvez desalentador, mas uma das etapas de transformação da realidade exige que reconheçamos a miséria instituída, para que possamos posteriormente atuar na reconstrução desse mundo doente e apocalíptico que se assemelha com um pesadelo do qual não conseguimos acordar e no qual sofremos em nossa constituição psicofísica os seus efeitos deletérios.

REFERÊNCIAS

BACON, Francis. *Novum Organum*. Trad. de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Confiança e medo na cidade*. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. *Europa: uma aventura inacabada*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Trad. de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *A sociedade sitiada*. Trad. de Bárbara Pinto Coelho. Lisboa: Instituto Piaget, 2010.

_____. *Tempos Líquidos*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007a.

_____. *Vidas Desperdiçadas*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *Vida Líquida*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007b.

BECCARIA, Cesare. Dos delitos e das penas. Trad. de Lucia Guidicini e Alessandro Berti Contessa. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BENTHAM, Jeremy. O Panóptico. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2019.

CONDORCET. Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Campinas: Ed. UNICAMP, 2013.

ENGELS, Friedrich; **MARX**, Karl. Manifesto do Partido Comunista. Trad. de Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco / Petrópolis: Vozes, 2010.

FAYOL, Henri. Administração Industrial e Geral. Trad. de Irene de Bojano e Mário de Souza. São Paulo: Atlas, 2012.

KANT, Immanuel. O conflito das faculdades. Trad. de Artur Morão. Lisboa: 70, 1993.

_____. “Resposta à pergunta: que é Esclarecimento”? In: Textos seletos. Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 63-71.

NIETZSCHE, Friedrich. O Anticristo. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 1997.

_____. A Gaia Ciência. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. Discurso sobre a dignidade do homem. Trad. de Maria de Lurdes Sirgado Ganho. Lisboa: Edições 70, 2001.

TAYLOR, Frederick W. Princípios de Administração Científica. Trad. de Arlindo Vieira Ramos. São Paulo: Atlas, 2012.